

O PODER DA ARTE: O EMPODERAMENTO DAS MULHERES ATRAVÉS DOS GRAFFITI

Melissa Santos dos Santos¹

Resumo: O presente artigo é parte da pesquisa desenvolvida na Pós-Graduação de Museologia (UFBA), sobre a criação e desenvolvimento do Museu Virtual dos *Graffiti* feitos por mulheres, colaborando para a musealização da arte urbana e efêmera encontrada na cidade do Salvador. Neste artigo foi elaborada uma abordagem sobre a trajetória da presença da mulher na arte, realizando uma breve retrospectiva sobre o papel do feminino no contexto artístico. Com isso, evidenciamos a mulher artista grafiteira, que utiliza os *graffiti*², elemento da cultura *hip-hop*³, como formas de empoderamento, não apenas pelas suas representações que evidenciam a mulher em diversos contextos, mas principalmente, pela mulher produtora, que vai às ruas para compor o meio urbano com suas cores e formas. A compreensão dos *graffiti* como arte, e consequentemente como patrimônio, nos permite pensar na possibilidade de repensar os *graffiti*, como expressões artísticas capazes de compor o meio urbano fazendo uso de temas muitas vezes relevantes para o período em que está sendo produzido. Neste sentido, podemos desmitificar os *graffiti* como atos de vandalismo ou depredação do patrimônio, colaborando com a democratização da arte, não apenas para o seu apreciador, mas para aquele que produz arte, contribuindo para que a mulher alcance um local de visibilidade neste espaço.

Palavras-chave: poder; arte; *graffiti*; mulheres; patrimônio.

1. Mulheres na arte

Apresentamos um recorte da trajetória do feminino nas artes ocidentais, através da história, onde é possível notar a maior visibilidade da produção masculina. Somente em casos esparsos em que a mulher fazendo parte das classes superiores é que poderiam ter visibilidade ao exercer o seu papel de artista.

Ao analisarmos períodos da história da arte podemos perceber o interesse em representação do feminino desde o período paleolítico, onde está presença já pode ser

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Museologia (PPGMuseo) – Linha 2: Comunicação e Patrimônio pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); Email: melissa.santos@ufba.br

² Utilizaremos a palavra *graffiti* com referência a sua origem italiana, como afirma Githay (2012) “[...] *graffito* – vêm do italiano, inscrição ou desenhos de épocas antigas, toscamente riscados a ponta ou a carvão em rochas, paredes, etc. *Graffiti* é o plural de *graffito*. No singular, é usado para significar a técnica (pedaço da pintura no muro em claro e escuro). No plural, refere-se aos desenhos [...]” (GITHAY, 2012, p. 130).

³ *Hip Hop*: “[...] para muitos além da expressão inglesa, que pode ser literalmente traduzida como balançar [*to hip*] o quadril [*hop*] – tem sido compreendido como um movimento social juvenil urbano enraizado no segmento populacional de baixo poder aquisitivo, a maioria negra e jovem, que historicamente ganha força nos Estados Unidos a partir do final dos anos 1970 e posteriormente se espalha nas grandes metrópoles do mundo.” (Souza, 2011, p.15)

observada através de esculturas com formas muito excessivas, possuindo seios e nádegas grandes, acredita-se que estas formas faziam alusão ao culto à fertilidade, onde ALMEIDA (2010) comenta que,

[...] através das incontáveis estatuetas e imagens sagradas com formas femininas, como nossos antepassados veneravam a vida, focando particularmente o poder da Grande Mãe. Apesar de a Deusa, ser apresentada sob diversas maneiras, diferindo-se no formato, nomenclatura ou materiais, sua conotação simbólica era sempre mantida: a responsabilidade pela vida do mundo. A Deusa era quem criava, nutria, sustentava e restabelecia a vida. As chamadas “vênus esteatopígicas” foram encontradas em diversas civilizações e épocas distintas, juntamente com outros tantos artefatos dos períodos Paleolítico e Neolítico. (Almeida, 2010, p.34)

Ou seja, o interesse pelo feminino já existia, a mulher representada tinha um simbolismo voltado ao sagrado. Observamos que o feminino representado já tinha grande visibilidade, como as esculturas dos períodos clássicos, onde o feminino é representado de acordo os cânones artísticos da época, porém as artistas deste período ainda eram invisibilizadas.

Nos períodos seguintes podemos perceber uma visibilidade maior à mulheres artistas, normalmente que detinham um poder monetário ou religioso, MIRANDA (2006) comenta que,

[...] As oportunidades para as mulheres em matéria de educação, estava portanto mais disponível àquelas que quisessem abraçar uma vida celibatária. As monjas dispunham de tempo e espaço para se dedicarem à leitura, à escrita, à composição, à tecelagem, à gravura, à pintura, Dentre as muitas funções que exerciam, trabalharam como bibliotecárias, professoras, copistas e artistas[...] (Miranda, 2006, p. 7)

Esta limitação para exercer a função de artista prossegue com o passar dos anos, sendo possível observarmos que, para produzir, existia uma necessidade de um “lugar na sociedade”.

Simioni (2007) comenta que, “Nas décadas finais do século XVIII, [...] duas mulheres notabilizaram-se como artistas, disputando as prestigiosas encomendas da corte francesa. Elisabeth Vigée-Lebrun (1755-1842) e Adelaïde Labille-Guiard (1749-1803)[...]”(p.85), estas mulheres conseguiram visibilidade artística, em um período onde a mulher não tinha destaque e possivelmente quando o tinha, era mediado por homens, SIMIONI (2007), comenta que,

“[...]Adelaïde Labille-Guiard fora impulsionada às artes por sua família, que lhe permitiu estudar pintura com La Tour e com François-Élie Vincent, pai de François André, artista de renome, com quem se casou. [...]Adelaïde era também protegida pelo duque d’Orléans. [...]Elisabeth Vigée-Lebrun [...] Filha do casamento de uma cabeleireira da corte com um artista pertencente à guilda [...]Louis Vigée, seu pai, foi o primeiro professor e incentivador para as artes, mas o impulso definitivo deu-se a partir do casamento com Jean-Baptiste-Pierre Lebrun [...]”(Simioni, 2007, p.85)

Sendo assim, observamos que, apesar das mulheres conquistarem um espaço nas produções artísticas, o reconhecimento e a influência masculina era comum e necessária para esta conquista.

No período moderno, no Brasil, podemos encontrar algumas artistas, como Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, que segundo Godinho (2016) “[...] Tarsila do Amaral é figura essencial do grito de rebeldia da cultura e da arte brasileira do início do século XX.[...]” (p.16). Estas pintoras começam a alcançar um pouco mais de visibilidade dentro deste contexto. BARBOSA (2003), comenta que,

A conquista dessa igualdade no Brasil começou com a Semana de 1922, através dos modernistas, cujas ideias anticolonialistas permitiram uma reflexão mais profunda sobre igualdade de gênero, de raça e de códigos culturais. [...] Foi a partir dessas ideias que duas mulheres puderam ser reconhecidas como as artistas mais importantes do modernismo brasileiro: Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. (Barbosa, 2003, p.129)

Estas mulheres, rompem com o padrão artístico imposto tanto tempo pelos artistas que já tinham um lugar definido neste espaço e por aqueles que legitimavam a arte. Podemos observar outras mulheres, que utilizaram da expressão artística para buscar lugares e compor espaços que tiveram por muito tempo, limites que as invisibilizavam.

Estas mulheres começam a utilizar diversas linguagens artísticas para mostrar que as barreiras que existiam, estavam sendo derrubadas aos poucos, como na música, no teatro, na escrita e em outros diversos locais, antes apenas compostos por homens, Godinho (2016) comenta que, “[...]O que une estas mulheres é um desejo incontido de vencer barreiras e construir seus canais de expressão. Sobretudo temos mulheres que lutam, ontem e hoje. [...]” (p.20). Este desejo, de mostrar seus potenciais eram alimentados cada vez mais, com as dificuldades que estas mulheres sofriam, com a exclusão como agentes culturais.

A arte contemporânea já nos permite visualizar muitas mulheres atuantes, que buscam expor suas ideias, apesar de ainda vivermos em uma sociedade onde a mulher é podada assumir diversos papéis, a luta feminista através da arte, torna-se cada dia mais forte, estas agentes usam de linguagens como, teatro, música, dança, artes visuais, entre outros para expor seus pensamentos.

Podemos observar que as mulheres eram submetidas a barreiras que a impediam de exercer o papel de artista, ainda pautado sob uma visão de que a mulher não era

capaz de produzir obras artísticas que transmitisse seu pensamento ou concepções de mundo, TRIZOLI (2008) afirma que,

[...] o preconceito latente de dispor para as mulheres a posição de criadores de objetos artísticos barrava suas entradas em salões e escolas de arte. Tal concepção fora o grande impedimento para a inserção das mulheres no mundo das artes (no mundo do trabalho no geral), já que as instituições normalizantes (médicos, juristas entre outras autoridades masculinas) pregavam a incapacidade feminina de dispor de seu próprio destino, o que consequentemente as invalidava como seres pensantes. (Trizoli, 2008, p. 1497)

Compreender estes períodos da história da arte, ainda que resumidamente, é entender a exclusão que as mulheres sofreram ao tentar exercer uma profissão, neste caso, a de artista. Entendemos que assim como a história mundial, regada de exclusões e muros impostos por aqueles que detinham o poder, a história da arte sofreu o impacto com estas tradições, Godinho (2016) afirma que a, “[...] a produção artística das mulheres nos remete sempre aos movimentos de ruptura necessários em cada época, indispensáveis em cada vida, inúmeras vezes angustiantes em cada destino particular, para que pudessem romper os limites impostos às mulheres” (p. 18). Vemos nos dias atuais, que apesar das possibilidades existentes e dos discursos, ainda percebemos que a mulher é colocada em um local de exclusão, onde está em constante busca de um lugar de valorização.

2. Os *graffiti*

As produções artísticas de arte contemporânea surgem como forma de ruptura do que tinha sido produzido nos séculos anteriores, compondo-se de linguagens que expressão de forma contestadora não apenas a arte produzida, como seus cânones e tradicionalismo, mas também se impondo ao período político da época em que surgia.

Neste aspecto as produções de arte urbana dinamizam e tornam a arte mais acessível, tendo na sua origem, a produção por aqueles que eram postos à margem da sociedade, devido principalmente ao fator econômico, sendo o seu local de origem o subúrbio da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, onde seus agentes utilizavam os metrô, como suporte para suas representações.

Compreendemos os *graffiti* como formas de linguagem, sendo atividade de um grupo específico, onde seus produtores utilizam de elementos próprios para se expressarem, entende-se como linguagem toda representação, que se utiliza de meios para comunicar algo para alguém, HALL (2016), comenta que,

Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para

outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos. A linguagem é um dos “meios” através do qual pensamos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. (Hall, 2016, p. 18),

Ou seja, podemos perceber os *graffiti* como um estilo artístico que utiliza de imagens e palavras para se expressarem e comunicarem através de suportes em locais públicos, o pensamento do artista, que está inserido na denominada cultura popular, que podemos definir como tudo criado pelo “popular”, Hall (2016, p.19), comenta que a utilização do termo cultura pode, “[...] se referir às formas amplamente distribuídas de música popular, publicações, arte, design e literatura, ou atividades de lazer e entretenimento, que compõem o cotidiano da maioria das “pessoas comuns”. É a chamada “cultura de massa” ou “cultura popular” de uma época”.

Os *graffiti* no contexto da arte contemporânea, surgem como formas de expressão daqueles que eram postos às margens da sociedade, ou seja, todo cidadão que pertencia a um grupo “subalternizado”, negros, pobres, mulheres, entre outros. Sobre a questão dos *graffiti* se tornarem veículos de popularização da arte, Gitahy (2012, p.13) comenta que, “[...] o *graffiti* veio para democratizar a arte, na medida em que acontece de forma arbitrária e descomprometida com qualquer limitação espacial e ideológica. ”. Ou seja, os *graffiti* propõem quebrar as barreiras impostas pelos cânones criados para a produção artística.

Sobre a definição do *graffiti*, GITAHY (2012) afirma,

[...] - subversivo, espontâneo, gratuito, efêmero; - discute e denuncia valores sociais, políticos e econômicos com muito bom humor e ironia; - apropria-se do espaço urbano a fim de discutir, recriar-se e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole; - democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou de credo; - produz em espaço aberto sua galeria urbana, pois os espaços fechados dos museus e afins são quase sempre inacessíveis. (Gitahy, 2012, p. 17 e 18)

Enquanto para muitos espectadores, nos dias atuais, esta produção artística pode ser contextualizada como ato de vandalismo, para seus produtores e estudiosos, ele é uma forma de reivindicar, utilizando do espaço urbano para levar informações e mensagens para um público mais amplo, a partir daquilo que é próprio da cultura deles. Sobre cultura, HALL (2016), afirma,

[...] que cultura não é tanto um conjunto de coisas – romances e pinturas ou programas de tv e história em quadrinhos -, mas sim um conjunto de práticas. Basicamente, a cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – o “compartilhamento de significados” – entre os membros de um grupo ou sociedade. Afirmar que dois indivíduos pertencem à mesma cultura equivale a dizer que eles interpretam o mundo de

maneira semelhante e podem expressar seus pensamentos e sentimentos de forma que um compreenda o outro. (Hall, 2016, p.19 e 20)

Ou seja, entendemos que o *graffiti* é parte do universo cultural de um grupo de produtores que buscam se expressar utilizando formas comuns entre si, quebrando o pressuposto de que os *graffiti* podem ser definidos como atos de vandalismo.

Percebemos neste sentido que, a cultura é caracterizada principalmente pelas diferenças, de concepções de mundo, interpretação dos significados, e expressões de sentido. A sociedade presente nas produções culturais, é algo heterogêneo, onde suas construções são resultados das experimentações individuais e coletivas, HALL (2006) afirma que,

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças revolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma. As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos. (Hall, 2006, p. 4)

Portanto percebemos que os *graffiti*, são elementos que se distinguem dentro da sociedade, onde seus produtores possuem uma concepção diferente de mundo, abordada através de expressões particulares, compreendemos, portanto, que dentro do próprio *graffiti*, existem diferenças de expressões, que se articulam e informam, apesar dos variados estilos de *graffiti*, de tags⁴ aos desenhos estilizados, os seus produtores utilizam de elementos comuns, para que os pertencentes desta cultura consigam compreender suas expressões. Necessário também é fazer com que o outro, pertencente de uma outra cultura consiga compreender aquilo que o artista buscou evidenciar. Neste sentido, Hall (2016, p.22), comenta que, “O sentido é constantemente elaborado e compartilhado em cada interação pessoal e social da qual fazemos parte. De certa forma, este é o campo mais privilegiado – embora com frequência o mais negligenciado – da cultura e do significado. ”.

Os elementos utilizados nos *graffiti*, tornam-se um dos aspectos mais complicados para que a sociedade compreenda essa linguagem, sendo assim, este pode ser um dos motivos pelo qual indivíduos que não pertencem a esta cultura, acabam o colocando em um patamar equivocado e de estranhamento, tudo aquilo que não conhecemos, concluímos que é algo distante e muitas vezes ruim. Assim, como

⁴ Tags: Assinaturas do nome ou apelido do grafiteiro

qualquer forma de linguagem, compreender a utilização deste mecanismo pelo outro é, quebrar barreiras da dimensão cultural que o outro possui.

Ou seja, entender que os *graffiti* podem ser formas de linguagem, utilizadas por determinada cultura, é compreender e possibilitar uma abertura cultural e de conhecimento para/com o outro.

2.1 A produção das mulheres no *graffiti*

A origem dos *graffiti* nos faz compreender também a importância da mulher que atua nas ruas nos dias atuais, alguns escritores afirmam que no início da cultura *hip-hop*, a qual os *graffiti* está inserido, eram os homens que mais desenvolviam as atividades, como de dj⁵, MC⁶ e grafiteiros, as mulheres, companheiras destes sujeitos, estavam na maioria das vezes encarregadas das atividades internas de organização e em alguns momentos nas batalhas de *break dance*.

Com o passar dos tempos, a mulher começa a ir às ruas, começa a quebrar as barreiras que a invisibilizavam no contexto artístico com desejo de ocupar outros espaços. É mais notável a presença dessas mulheres sendo *rappers*, se inicia uma conquista nas aparelhagens de som, sendo dj's, e começam a ir às ruas, pintar muros, prédios, postes e todo suporte urbano que oferece uma possibilidade a ser "conquistado".

Neste sentido podemos começar a enxergar a mulher como produtora do *graffiti*, e além disso, uma agente cultural, que segundo Certeau (2012) é definido como, "[...] aqueles que exercem uma das funções ou uma das posições definidas pelo campo cultural: criador, animador, crítico, promotor, consumidor etc." (p.195), entendendo que a mulher nesta cultura, assim como os homens, são criadores, produzindo e difundindo a arte do *graffiti*.

Podemos perceber algumas temáticas do universo da mulher, sendo retratadas nos muros. Percebemos também um certo estranhamento por parte da sociedade ao ver uma mulher na rua, pintando em andaimes, com rolinhos ou sprays. Em alguns diálogos é comum ouvirmos o questionamento, "existe mulher grafiteira?". Podemos observar o estranhamento de algumas pessoas ao verem uma mulher pintando na rua e

⁵ DJ: Disc-jóquei, que são aqueles ou aquelas que manipulam os aparelhos que acompanham ou não o MC;

⁶ MC: Aquele que se expressa dentro da cultura através do rap, que significa, ritmo e poesia.

os comentários, muitas vezes machistas, aos quais estas mulheres são submetidas ao praticarem uma atividade que não deveria ser categorizada como atividade para homens.

3. Ferramenta de empoderamento

Compreendendo a trajetória da mulher dentro da cultura *hip hop*, mais especificamente atuante na cena dos *graffiti*, podemos perceber como dito no capítulo anterior, a quebra de barreiras das mulheres dentro da cultura *hip hop*.

Necessário salientarmos neste sentido, que a mulher, que vai às ruas para grafitar, não está buscando fazer uma arte especificamente com traços que identifiquem e categorizem a produção entre produção de homem e de mulher.

A arte não possui um gênero, e quando as mulheres decidem lutar para conquistar espaços, antes de predominância masculina, traduz um desejo de desmitificação da necessidade de se categorizar representações artísticas. Lamas (1995), afirma que, “[...] Através da arte, a mulher devolve ao mundo, sua insatisfação e frustração, em forma de cultura. Além de criar filhos, ela cria cultura, valores e símbolos: o ato político gerado em seu ambiente privado e em seu íntimo, no sentido de singular, expressão de subjetividade, construção individual” (p. 19). Compreendendo isto, a mulher que utiliza desta expressão artística deseja ser tratada sem que lhe seja retirado direitos de igualdade, previstos por lei, independente do sexo biológico, dentro de uma sociedade que a tratou e ainda hoje, à trata, como “frágil”, incapaz de exercer alguns papéis, a mulher artista usa da arte como protesto.

A mulher atuante e artista do *graffiti*, utiliza de diversas temáticas, inclusive temáticas que evidenciam o universo feminino, como representações sobre a mulher negra, os padrões impostos pela sociedade, a mulher capaz de atuar em qualquer atividade, entre outros.

Vemos na arte, e no caso, no *graffiti*, uma forma de levar aos diversos cidadãos assuntos que pertencem ao universo destas produtoras, assim como observamos isto em diversas linguagens artísticas, Lamas (1995) afirma que, “[...] A arte como forma de trabalho para a mulher constitui-se de todos os elementos da subjetividade feminina: alegrias, prazeres, gratificações, medos, preocupações, angústias, tristezas, condição feminina, agonias, desgostos, visão de mundo, experiências típicas femininas.[...]” (p.20). Neste caso, o *graffiti* surge como ferramenta de empoderamento da mulher, onde ela vê a possibilidade de reclamar direitos, mostrar a sua capacidade intelectual e

criativa, e evidenciar a possibilidade de estar em diversos espaços da sociedade em que vive.

Como forma de empoderamento, podemos encontrar o enaltecimento da mulher negra, que muitas vezes sofre preconceitos, mas busca o seu lugar na sociedade. Lugar este, onde ela pode ser reconhecida como ser pensante, alguém digno de respeito e valorização.

Muitas retratam artistas negras, que conseguiram destaque na mídia, quebrando tabus, que a impediavam de se enaltecer, como mulher e como profissional. Como o *graffiti* da “RBK” (figura 1 e figura 2), que no Evento Bahia de Todas As Cores⁷ – 2ª edição, retratou a artista Ellen Oléria, ganhadora do programa The Voice Brasil, da Rede Globo de televisão, no ano de 2012.



Figura 1 – Produção do graffiti, grafiteira RBK. (Arquivo Pessoal)



Figura 2 – Graffiti finalizado. Ellen Oléria por RBK. (Arquivo Pessoal)

Ellen Oléria, a artista representada, é uma mulher negra, gorda e que devido a estas características, foge dos padrões estéticos de beleza impostos pela sociedade, evidencia-la nesta expressão artística, é demonstrar a importância que mulheres como ela, possuem dentro da nossa sociedade muitas vezes preconceituosa, que oprime mulheres que buscam um local de destaque a partir dos seus conhecimentos e capacidades.

Ainda exemplificando retratações feitas por mulheres da figura da mulher na produção dos *graffiti*, podemos observar a arte da Monique (figura 3), que ao ser convidada pela prefeitura da cidade do Salvador, no ano de 2017, recebeu a tarefa de

⁷ O evento Bahia de Todas as Cores, teve sua primeira edição no ano de 2015, com o intuito de reunir diversos artistas da cena urbana, para compor o local em que a edição irá ocorrer. Nos anos de 2015 e 2017 este encontro aconteceu na capital, Salvador, no ano de 2016, ocorreu em Madre de Deus com o apoio da prefeitura local. Sua organização é realizada pelo coletivo Vai e Faz.

retratar a cidade do Salvador nos seus 468 anos, no evento do BTC – 2ª edição, a partir da visualização de entrevista com moradores feita pela prefeitura, retratou uma mulher, com uma cena urbana ao fundo e características negra.



Figura 3 – Produção do *Graffiti* pela grafiteira Monique. (Arquivo Pessoal)

Evidenciando assim a mulher negra em Salvador, que está em todos os lugares, desenvolvendo as mais diversas atividades. Este *graffiti* foi produzido no Evento Bahia de Todas as Cores – 3ª edição, 2017, no terminal rodoviário da Barroquinha.

Mas não apenas de mulheres negras vive a produção de *graffiti* produzidos em Salvador, outras representações de mulheres também podem ser encontradas nestas produções. Como os *graffiti* da Chermie (figura 4), artista manauense, que retrata nas suas produções a mulher indígena, que para a artista, sofre preconceito assim como a mulher negra, mostrando o fato de que, a condição de ser mulher dentro da sociedade, nos causa uma repressão, onde o machismo impera e a mulher é submetida as vontades do homem, assim como nas sociedades indígenas.

Outras temáticas retratadas pelas artistas que compõe o universo da mulher dentro da sociedade, também incorpora os direitos retirados destas mulheres, como o direito ao seu corpo. Para a sociedade, a mulher ao estar em espaço público, perde seu direito ao seu corpo. É comum ouvirmos relatos de assédio moral e sexual às mulheres, por estarem com roupas que evidenciam suas curvas ou por gestualizarem de forma que leve ao outro “pensar” que pode ultrapassar certos limites. Compreendemos que não é a roupa e/ou gestos que fazem estes assédios acontecerem, mas sim a falta de caráter daquele que assedia. Neste sentido, a grafiteira Mônica (figura 5), evidencia a mulher, com roupas e curvas que seriam os diversos motivos para as violências que as mulheres sofrem.



Figura 4 – graffiti de Chermie. (Arquivo da artista)



Figura 5 – Graffiti de Mônica. (Arquivo da artista)

A grafiteira Mônica busca enfatizar mensagens em prol dos direitos das mulheres. Suas representações, algumas vezes acompanhadas de frases, contribuem para que a sociedade compreenda que não é a roupa ou os gestos que determinam o que pode ser feito com o outro. Mas sim a moral e os direitos concedidos pela constituição que afirmam o respeito ao próximo independente do sexo, raça ou credo.

Ainda no *graffiti* produzido em Salvador, encontramos a Annie Ganzala, que retrata o relacionamento homo afetivo entre mulheres (figura 6); o *graffiti* da Gata X, que retrata a mulher em diversos contextos, enfatizando a possibilidade da mulher que pode praticar toda e qualquer atividade que desejar (figura 7) e as produções da Talitha, que produz series, tendo como a sua mais extensa “Luto”, onde representa imagens de figuras pintadas de preto, em alguns momentos mostrando apenas os olhos, em posições de enfrentamento, portando armas, ou em posições de luta (figura8).



Figura 6 – Graffiti de Annie Ganzala (Arquivo da artista)

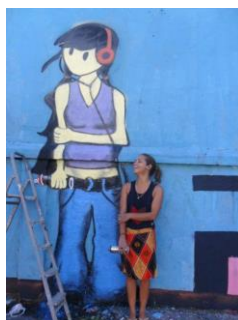


Figura 7 – Graffiti de GataX (Arquivo da artista)



Figura 8 – Graffiti de Talitha – série Luto (arquivo da artista)

Assim como estas mulheres que exemplificamos muitas outras grafiteiras, não apenas de Salvador mas de várias outras localidades do país e do mundo, utilizam seus traços e formas como forma de empoderamento destas mulheres, que muitas vezes são obrigadas a se calarem a se submeterem as imposições da sociedade em que vivemos, sociedade que tem em sua formação diversos costumes machistas.

Utilizar a figura da mulher nos *graffiti*, é empoderar estas mulheres que são representadas, mas principalmente, mulheres utilizarem dos *graffiti* como formas de expressão, é fazer uso de uma linguagem que foi por muito tempo utilizada apenas por homens, mostrando a possibilidade que as linguagens culturais artísticas possuem dentro da sociedade.

Mulheres sendo agentes culturais dentro da cultura *hip hop*, constitui uma quebra das barreiras que foram impostas a muito tempo, mostrando para a sociedade que o papel da mulher não está limitado aos fazeres domésticos ou a algumas poucas profissões, mostrando que não existem papéis definidos para homens ou mulheres, ambos podem, se assim desejarem, exercer o que lhes for conveniente.

4. O reconhecimento do *graffiti* como arte

Reconhecer os *graffiti* como expressão artística, dentro de uma cultura, onde ainda existem padrões a serem quebrados e superados, é discutir com forças que sustentam os cânones artísticos, muitas vezes rompidos por não serem suficientes para expressarem o pensamento da sociedade. Este reconhecimento pode acontecer, por parte da sociedade, mas também por parte dos poderes públicos e instituições que ainda hoje atestam muitas vezes o que pode ou não ser considerado arte.

Os *graffiti*, assim como muitas vertentes artísticas, se expressam a partir da memória social, a partir daqueles acontecimentos que influenciam diretamente a sociedade, construindo identidades independentes, que colaboram para a construção social. Sobre a memória social, DODEBEI (2005) comenta,

A memória social, todavia, pode ser construída na dimensão da oralidade e também nas dimensões da escrita e da imagética, já que toma, na atualidade, o modelo de sociedade complexa, diversificada e heterogênea (sociedade urbana plural) que contempla as relações entre memória e projeto e sua importância para a constituição de identidades. (Dodebei, 2005, p.49)

Ou seja, a memória social, pode ser considerada a forma pela qual, os grafiteiros e grafiteiras utilizam para criarem muitas de suas representações. Estas representações

são resultados das interações entre agentes culturais e das visões particulares que cada produtor tem, a partir dos acontecimentos sociais.

Ao compreendermos os *graffiti* como patrimônio, compreendemos assim que estes elementos, podem compor um cenário atual, desmitificando o conceito de patrimônio, que exclui os limites antes impostos para esta classificação. Neste sentido, podemos entender o patrimônio a partir do conceito contemporâneo citado por CAMARGO (2002) que afirma que,

[...] o patrimônio cultural só pode ser entendido como um conjunto de símbolos. Os símbolos precisam ser desconstruídos e interpretados para apreendermos o seu significado. Neste sentido são igualmente significativos os bens nacionais já consagrados, tanto quanto os regionais ou locais. [...] Conceito de arte: ultrapassa a noção de belo; não tem como suporte apenas materiais nobres; liberdade de expressão; elaboração de propostas com incorporação da tecnologia. (Camargo, 2002, p.96)

Entendendo que a concepção do patrimônio cultural se transforma, podemos compreender que os *graffiti* como formas de expressão cultural, que utiliza de fatores sociais atuais para compor suas representações, e a memória social de cada indivíduo, é capaz de adentrar este conjunto de representações.

Necessário deixarmos claro que, para que os *graffiti* sejam reconhecidos como arte e assim um possível patrimônio, necessita de reconhecimento político, ou políticas culturais que o abracem. Neste sentido, essas políticas culturais, colaboram para a produção artística sem condenação do governo, CERTEAU (2012), comenta que,

A política não garante a felicidade nem confere significado às coisas. Ela cria ou recusa condições de possibilidades. Interdita ou permite: torna possível ou impossível. É sob esse viés que ela se apresenta aqui, no sentido de que a ação cultural se choca com as interdições silenciosamente postas pelos poderes. (Certeau, 2012, p.215)

A inserção e compreensão dos *graffiti* como arte, assim como patrimônio cultural, nos leva a compreender as possibilidades de promover esta expressão cultural, contribuindo para a sua utilização no empoderamento da mulher, além de contribuir na explanação de assuntos contemporâneos, muitos abordados pelos *graffiti*.

5. Conclusão

Compreender as possibilidades os *graffiti* têm, é entender que os *graffiti* podem contribuir para a construção social e auxiliar no empoderamento da mulher. É necessário que haja, por parte de outros agentes culturais e da própria sociedade espectadora, um reconhecimento, onde a compreensão do *graffiti* não se limite a conclusões precipitadas, entendendo os *graffiti* como vandalismo.

A mulher grafiteira, compreende que as questões sociais são, também, questões que lhe envolve, sendo parte pensante da sociedade, ela busca, através de variadas formas, como da arte, reclamar seus direitos e questionar a sociedade aquilo que muitas vezes lhe é retirado, como o direito de ir e vir.

Entendemos que ainda existe um longo caminho a ser percorrido, de decisões entre poderes e discussões com a sociedade. Podemos perceber está reformulação do pensamento sobre a desmitificação das artes urbanas, como forma de vandalismo e sendo entendidas como vertente artística, capaz de adentrar espaços antes não habitados por estas correntes, começa a ser uma forma de compreensão por parte da sociedade e das instituições que determinam o conceito de arte.

Os *graffiti* contestam, informam, discutem e aproximam cidadãos que antes não tinham acesso a produção artística, e que poucos entendiam a capacidade que a arte tem, ocupando espaços e colorindo as ruas e vielas. A mulher grafiteira, que sai as ruas, sozinha ou acompanhada por outras e outros agentes culturais, vê nos *graffiti* mais uma possibilidade de ser considerada como ser pensante, capaz de participar das tomadas de decisões e discussões políticas que permeiam a sociedade. Esta mesma mulher, foi excluída e oprimida muitas vezes, condenada a execução de tarefas que não eram suficientes para evidenciar a sua capacidade intelectual.

Não apenas os *graffiti*, mas toda produção artística, é uma ferramenta de poder, uma forma em que aquele que produz, entende os diversos objetivos que ela pode alcançar, a produção artística, pode ser livre, não apenas materialmente, mas intelectualmente, evidenciando o pensamento crítico pessoal, capaz de transformar.

Referências

- ALMEIDA, FL., Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes Visuais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 238 p.;
- BARBOSA, Ana Mae. Arte no Brasil: Várias Minorias. Gênero, Niterói, v.3, n.2,2003, p. 129 – 136.;
- CAMARGO, Haroldo Leitão. Patrimônio histórico e cultural. São Paulo: Aleph, 2002.
- CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. Campinas – SP: Papirus, 2012 (Coleção Travessia do Século) – 7ªed., 2012;

GITAHY, Celso. O que é *graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 2012. – (Coleção Primeiros Passos: 312);

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa Livros, 2005;

GODINHO, Tatau. Mulheres brasileiras: reinventando a vida, a história, a cultura. In. Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres. Maria Elisabete Arruda de Assis ; Taís Valente dos Santos (org.) – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016, p. 15 – 23;

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 11ª edição. 2006. 102 p.;

_____. Cultura e representação. Rio de Janeiro: PUC – Rio/Apicuri. 2016;7

LAMAS, Berenice Sica. Mulher artista: cidadã do universo. In Psicol. Cienc. Prof. Vol.15. nº 1-3. Brasília, 1995. P. 18 – 21;

MIRANDA, Andrea Cristina Lisboa de. A mulher artista na idade média: Considerações e revelações acerca do seu lugar na história da arte. In Revista Científica/FAP, Curitiba, v.1, jan./dez., 2006. 17 p.;

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. O corpo inacessível: as mulheres e o ensino artístico nas academias do século XIX. In. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 83-97, jan.-jun. 2007 85p.;

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 170p.;

TRIZOLI, Talita. O feminismo e a arte contemporânea – considerações. Panorama da pesquisa em artes visuais. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Florianópolis. 2008, 11p.;

Site

Festival Bahia de Todas as Cores (BTC) - www.bahiacores.com.br